

nomes vem desde Oajuna até Tejupurá. À excepção das fazendas de gado do Marajó, esta ilha não tem estabelecimentos notáveis. O districto de Muana tem seus moradores, que já podem formar uma boa villa.

Deus guarde a V. Ex.^a muitos annos. Pará 1.^o de Outubro de 1800. — Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Sr. D. Francisco de Souza Coutinho. — Subdito de V. Ex.^a *José Simões de Carvalho*,



ETHNOGRAPHIA INDIGENA, LINGUAS, EMIGRAÇÕES, E ARCHEOLOGIA.

PADRÕES DE MARMORE DOS PRIMEIROS DESCOBRIDORES.

(Carta dirigida ao 1.^o Secretario perpetuo do Instituto pelo socio correspondente o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen.

Madrid 1.^o de Abril de 1849. — Ill.^{ma} Sr. — Londo a *Revista* n.^o 8 (nova serie) do nosso Instituto, a qual acabo de receber, encontro na acta da 180.^a sessão uma proposta do nosso consocio o Sr. Dr. Freire Allemão, e approvada pelo Instituto, afim do que se peçam das provincias algumas informações acerca dos indigenas.

Interessado como estou na remessa de taes informações, peço a V. S.^a me permitta deixar correr livremente a penna, expondo o que ora de roldão me occorre a esse respeito.

O pouco que possuimos sobre tal assumpto não procede de que os escriptores antigos e modernos se hajam esquecido de occupar-se dos desgraçados indigenas: paginas e paginas lhes dedicam muitas, e sem embargo a sciencia ethnographica, a historia das raças, não adiantou com ellas um passo. Cançam-se uns a escrever os usos, costumes, industria e armas, que são quasi geraes a todas as raças áquem dos Andes e da Patagonia, e passam em claro os caracteres que poderiam concorrer á divisão das mesmas raças. Outros limitam-se a transmittir-nos, ou repelir-nos certos nomes dissonantes, que elles

julgam ser o sufficiente para que todos lhe associem as idéas, os attributos de nacionalidade e de usos que elles tinham na mente. Nem que se tratasse de raças conhecidas por todos, e que fôra pesado descrever; v. gr. os Chins, os judeos, ou ainda os ciganos, etc. Quem nomeasse judeos ou ciganos poderia d'elles contar alguma especialidade mais característica que tivesse no paiz que se descrevesse; mas do mais suppõe-se o leitor bastante instruido para se não necessitar referir historias do Talmud, etc. — Mas quando se tratam especies menos vulgares, requerem-se mais explicações. Essas listas de nomes raros, que com os plagios dos escriptores pigmeos se vão cada dia escrevendo de maneira mais adulterada, e parecendo mais barbaras, sobretudo quando acompanhadas das fabulas que uns inventam e outros absurdamente repotem; essas listas, diziamos, não fazem mais que intimidar-nos, mostrando-nos o caminho com mais asperezas do que talvez elle tenha. Só Hervas, no seu grande trabalho sobre linguas americanas, nos dá os nomes de 51 nações brasileiras, que segundo elle nada tinham de commum com as tribus Tupis e Guaranis; e isso além de mais 70, que deixava em pendencia se eram ou não d'esta ultima família. Pois tanto d'estas como das primeiras, varias nações temos nós já apurado serem uma só, designadas com nomes ora escriptos com differente orthographia, ora inteiramente differentes, procedendo do padrinho que os nomeou, isto é do rumo que seguia o descobridor ou viajante, e da boa ou má intelligencia com que elles estavam para com a raça indigena ou colona, sua limitrophe por essa parte. Assim quando eram inimigos, designavam-os com alcunhas ultrajantes, e verdadeiramente essa alcunha não devia sem injustiça ser considerado o nome da nação ou da raça. Assim succedeu com o nome *Tapuia*, sobre que ainda hoje insiste a ignorancia que haja sido o nome de uma grande nação, quando basta abrir qualquer dictionario ou vocabulario guarani para saber que *Tapuia* significa *barbaro*; por entre os Tupis davam aos seus inimigos o mesmo epitheto que os Romanos antigos, e ainda hoje em dia os Chius. Já o jesuita Simão de Vasconcellos (1633) nos deixou claramente expli-

cado que não havia tal nação *Tapuia*; mas para nós a melhor prova d'esta verdade consistia no facto de chamarem os Tupis também de *Tapuias* os Europeos seus contrarios; v. gr. os Francezes, aos quaes alguns denominavam *Tapuias-brancos*, *oié tupdi-tinga*, como se vê a pag. 42 do Diccion. Brazil. imp. em Lisboa em 1795.

Cada vez me convenço mais de que para o estudo das raças indigenas nada nos pôde ser de mais soccorro do que o conhecimento das suas linguas. Por isso mesmo não me poupo a trabalho para juntar tudo impresso ou manuscrito que vou encontrando a tal respeito, e nunca pensei que sô ácerca da America do Sul se tivessem outr'ora publicado tão importantes obras.

E n'este lugar tomo a liberdade de chamar a attenção de V. S.^a sobre o que ahi, em sua presença, n'esse Instituto li, ponderei e propuz em sessão do 1.^o de Agosto de 1840. Desde então tenho tido occasião de reforçar-me mais nas mesmas opiniões; o que (seja dito de passo) não me succederá muita vez, já pela natureza dos estudos sobre materiaes ineditos que cada dia vou de novo descobrindo, já porque comeci demasiado joven, já finalmente porque dotou-me Deus de bastante docilidade e consciencia para sacrificar á verdade historica ou scientifica todo o sentimento de neseio amor proprio e vaidade. A proposito d'esses trabalhos, que foram impressos no numero 9 da *Revista*, e que hoje pela primeira vez li, depois que ahi os apresentei, rogo a V. S.^a o favor do fazer publicar na mesma *Revista* as erratas contidas no papelinho junto. ¹

Quanto á mencionada proposta do Sr. Dr. Freire Allenão, já que o estudo do assumpto (necessaria base á historia da colonisação e civilisação do Brazil que ora redijo, e para que trabalho, como V. S.^a sabe, vai para 15 annos) me tem d'elle feito conhecer os maiores tro-

¹ Erratas mais importantes a corrigir no tomo 3.^o da *Revista* (1.^a serie).

Pag. 55, linha 31, *nações*, leia-se *nação*.

„ „ „ 23, *differentes*, leia-se *difficilis*.

„ 56, „ 5, *mais*, leia-se *maior*.

„ „ „ 47, *analogia* leia-se *etymologia*.

„ 60, „ 31, *deveria* leia-se *deverá*.

peços, procedentes sempre de se desconhecer a que família pertencia a lingua d'esta ou d'aquella raça, pego a V. S.* que depois da devida venia ao autor da proposta, proponha em meu nome ao Instituto que admitta o seguinte additamento a ella:

« Como expressa ou expressava cada uma das tribus indigenas da provincia as palavras seguintes, a saber: *sol, lua, fogo, agua, terra, peixe, mel, branco, preto, pé, mão, rir, chorar*, e finalmente os numeraes até onde saibam ou soubessem contar. »

Reduzi as palavras ao menor numero possível; mas com ellas se poderá colher mais fructo, não só porque todas são de objectos frisantes, e não podem na mimica dar lugar a equívocos, que poderiam prejudicar a analyso fomentando combinações erradas, como porque sendo o trabalho menor haverá quem se promptifique mais a fazel-o. Para evitar equívocos nem se quer comprehendí na lista os adjectivos *grande e pequeno*, e as idéas physicas do *trotado, chuva*, etc., e as metaphysicas do *diabos*, etc. — Tambem fora de grande vantagem saber como dizem os indigenas em sua lingua *homem, cara, habitador, possuidor, familia*, etc., e igualmente a significação verdadeira dos nomes das nações, v. gr. *Guatóas, Chavante, Jiporoças, Patachós*, etc. Mas não havendo que flar-se muito dos conhecimentos philologicos dos informantes, quasi proponho que se não addicionem; e pela mesma razão que nada se pergunta ácerca do artificio da lingua, se bem seja esta parte tão importante para avaliar o gráo de barbaria dos povos. Em todo caso, de qualquer outro pedido que se faça, convirá redigir a pergunta nos termos bem precisos, que é o meio de sanar a impossibilidade que ha de fazer para as mesmas provincias, com os pedidos, remessa do necessario criterio para que as respostas venham como se desejam. Quanto ás palavras que acima nomeei não necesito dizer que se a relação pertencer á familia tupia, devem as ditas palavras approximar-se muito das seguintes: *coaracy, jacy, lálá, yg, yby, pyra, yra, lingua, una, py, pó, pued, jacém*; e os numeros serão: *oyepe, mocey, mocapyr*, etc. As perguntas ácerca dos usos dos indigenas podiam v. gr. reduzir-se ás seguintes:

1.º Se tem ou tinham os boiões, ventas e orelhas furadas? De que forma e de que substancia era o botoque que n'esses furos usavam?

2.º Como trazem ou traziam o cabelo.

3.º Se dormem ou dormiam em redes ou no chão, e em que posição, se de lado ou de resupino.

Oxalá venham as respostas, e se publiquem, e já teremos avançado muito.

Durante a minha excursão pelo sertão colligi dous vocabularios: um dos Indios Guayanás de Guaruy proximo á Fachina, e outro de um piá que havia na villa de Curitiba, e que puz em contribuição ajudado pelo Sr. Bandeira e pelo meu amigo o Sr. Carrão, em casa de quem me achava hospedado. Se estão entre os meus papéis n'esta côrte irão com esta carta, se bem que não devem achar-se em harmonia com o plano que acima proponho; serão porém mais abundantes e tão seguros como os pude colligir.

Se não receiasse converter-me á força de pedir em leigo franciscano, e ir prejudicar a urgencia e approvação do additamento de proposta que acima faço, eu acrescentaria aqui o pensamento de escrever o Instituto aos Srs. presidentes das provincias, pedindo-lhes concorram por sua parte para que nos museos provinciaes ou estabelecimentos analogos, como são os jardins botanicos que possuem varias capitães das provincias, se reúnam não só quanto possivel os instrumentos e armas dos indigenas, mas principalmente os monumentos sepulcraes, como são os *zamuéis*. Nem se perderia nada que se reunissem antes em maior numero, pois a todo o tempo podem servir para enriquecer o estabelecimento por meio de trocas.

Convém que todos estejamos persuadidos que o nosso passado, o actual imperio mesmo, interessará tanto mais ás outras nações civilisadas e instruidas quanto mais longe podermos fazer remontar, não as fontes da nossa historia, mas os mythos de seus tempos heroicos, mas as inspirações da sua poesia.

Lembro-me de haver communicado uma vez ao Instituto que na freguezia de Juiz-de-Fôra em Minas encontrou o Sr. Haller, na feitura

de uma estrada que dirigia, um cemiterio que os trabalhadores iam a principio destruindo, mas que acudindo elle contava salvar algum *camucl* inteiro com talha (*iguacaba*) e tudo, e que o remetteria ao Instituto; o que não sei se levaria á execução depois da partida do Sr. Sturz, que era quem n'isso empenhava o seu amigo Haffel.

Na minha excursão para a banda dos campos de Guarapuava tive eu quem me informasse de que outros se encontravam por aquellas partes onde ha pequenos *Itararés* ou ribeiros subterraneos á maneira do rio d'este nome confluenta do Paranapanama, e celebre pelo modo como por aquellas *laçadas* do itacolumite quartzoso se esconde, depois de ter regalado os olhos do sertanejo com a visão da magnifica curiosidade natural do *fumil*. Esses pequenos itararés, como lhes chamo, correndo a terra descobrem ás vezes algumas *ibicoáras* ou sepulturas; se d'ahi não se puderem alcançar algumas mumias, convém ao menos haver a informação de como estão estas postas com referencia aos pontos cardaes; pois se todas estivessem ao nascente, como na Bolivia, seria um indicio de adoração do sol. Confesso que quando ahí passei não dava ainda a estas observações a devida importancia.

Outro capitulo que mereça exame são as *ita-oca*, ou casas de pedra, como aquelle nome está dizendo. Eu vi só uma á esquerda do caminho indo do bem situado povo da Ponta Grossa á freguezia da Palmeira, e já mui perto d'esta; mas confesso que ao tempo de ver lá ao longe taes pedras com tal ou qual symetria, á maneira dos monumentos druidicos na Europa, e que até me davam ar de ruínas de uma antiga povoação sobre a encosta de uma montanha, tive quasi vergonha de torcer o caminho para me approximar d'ellas, quando vi que o meu guia ou camarada se ria de mim por ser mais uma enganado com a *ita-oca*, que segundo elle não eram mais que umas pedras que assim estavam por acaso. Então acreditei-o, tanto mais que ainda n'outros logares a natureza da rocha da montanha se prestava a taes caprichos; pôde ser mesmo que o meu camarada tivesse razão; mas confesso que depois que li na preciosa collecção

inglesa de Purchas outra cousa semelhante com o nome de *Etaora* (isto é, com o mesmíssimo nome attendendo a que o *e* inglez sóa *i*) fôrão-mo apprehensões, que outros mais afortunados poderão desvanecer em cartas que a nossa *Revista* publique. Eu desde já peço muito ao meu amigo o Sr. Carrão que seja elle quem faça este serviço.

Não creia V. S.^a de tudo isto que sonho com cidades encantadas, e que sou de opinião que se devem buscar como quem busca ouro. Não senhor: tanto mais que eu sou d'aquelles que crê que o ouro não se deve buxar, mas que deve elle apparecer, e sei que per seguir opinião differente muita gente se tem perdido. Mas não está em mim, que vi com meus olhos (passo o pleonasmo) cobertos de alusimmo unto virgens os restos de um colossal *summaqui* ou ostreira; isto é de um grande monte ou pyramide conica feita de cascas de ostras, que serviam de mausoléu a muitas ossadas humanas, não está em mim, digo, deixar de ter fé e fé vivo em que um dia o acaso fará descobrir n'alguns pontos da vasta extensão do Brazil alguns monumentos de outra geração anterior, e mais civilizada que a raça degenerada, pela maior parte botocuda e cannibal, que Deus não permitiu que continuasse por mais tempo a senhorear sem proveito tão obrigados portos, tão ricas minas, terras tão productivas, peiz todo em fim tão importante que viria a estender a esphera dos conhecimentos humanos, e fazer os nossos semelhantes cada vez mais dignos de adorar o Criador pelas suas obras. Pois que! É por ventura verosimil que essa raça, que deixou tão acabados monumentos em Carangas, no Canar, no lago de Titicaca e em Tiguanaço, se era acaso só habitadora das montanhas, não seguisse pelas cordilheiras e chapadas que separam as vertentes do Amazonas das de Prata até as serras d'Aguapehy e dos Parecis? E se não eram só habitantes de montanhas, é possível crer-se que os conquistadores de Cuzco não haixassem alguma vez o Mamoré ou o Pilcomayo?

Respo: não sou visionario; mas toda a razão não é bastante aco-
voze para deitarmos certas conquistas intimas, a que cada um poderá

dar o nome que queira, mas que existem. Meu ponto de contacto se nota nas sepulturas ou *cumets* do Brazil com as *chulpas*, *açancos* ou mumias dos Aimarás: é a posição accorçada que n'uns e outros tem os cadáveres.... Os meus estudos até hoje levam-me á conjectura (que talvez ainda modifique com novos dados que encontre) de que a raça tupica, que os descobridores europeos encontraram na costa septentrional e parte da oriental do Brazil, e que como está de todo averiguado era ali uma raça não autocthona, mas conquistadora; levam-me, dizia, á conjectura de que a mesma raça tupica não invadiu do sul para o norte, e de que não era o Paraguay, como desde Hervas tem pretendido os ethnographos d'esta parte, o primitivo solo d'onde era aborigena essa raça invasora, cuja lingua tão suave nenhuma comparação tinha com todas as outras que nas immedições do Prata se encontravam, sempre asperas e gutturales como todas as linguas do paizem mais frios. A lingua guarani, tão parenta da omagua, nasceu com esta nas margens dos grandes rios tropicaes Orenoco e Amazonas com seus possantes braços; circumstancia que fez de seus habitantes um povo navegador. E não o digo pelo facto de terem as differentes familias do Tupis perseguidas pelos novos colonos conquistadores voltado como por instinto a relugiar-se no patrio ninho, onde em grande parte ainda se conservam; mas tão pouco me é permitido reduzir a uma discussão critica esta carta que a V. S.^a escrevo, e que já se vai alongando. Direi só em resumo que *pelo que hoje sei* os Tupis e Guaranis invadiram do norte para o sul, aproveitando-se da grande vantagem de suas canoas ou machina de guerra; foram os antigos Normandos d'esse territorio, os Jascos e argonautas da sua mythologia. E a invasão não só a fizeram pelo mar seguindo pelo Maranhão; mas pelos rios Madeira, Tapajós, &c., baixando depois de novo pelo Paraguay e Paraná. É pois da raça anterior á esta, ou ainda d'alguuma mais antiga, que eu tenho fé de que se encontrarão vestigios.

E quem nos diz que no nosso territorio, onde a vegetação é tão feraz, arvores seculares ornadas de caraguatás e d'orchydeas, resposos matos virgens embaraçados de cipós, bromélias e estrocinia.

não cobrem hoje esses monumentos, que na Bolívia estavam patentes, por isso mesmo que ficavam em lugares onde quasi não havia arvores? Repito: eu que vi altíssimos jequitibás e tão fortes begonias e melastomáceas, cujas raízes vestiam sem penetrar um monte d'ostras cortado a pique (porque aquellas se estavam tirando para fazer cal), creio tudo possível. Mas que não se abuse de tal crença; convém estar prevenido para seguir a pista d'algum indício, mas perder o tempo e o dinheiro a procurar de maneira alguma. As roças e as aberturas de estradas serão n'este sentido os verdadeiros exploradores.

Aos scepticos que não se abalassom com taes considerações acêrca d'estes monumentos, que chamarão, se quizerem, fabulosos ou mythologicos, pediria eu que ao menos se dedicassem a salvar outros monumentos historicos que temos, se bem que menos poeticos e insignificantes, mais reais e positivos. Fallo dos padrões de marmore postos ao longo da costa pelos primeiros exploradores, e depois pelos donatarios. Se algum dos primitivos existir deve n'elle ver-se a esphera armillar do feliz D. Manoel. Era uma curiosidade que valia bem a pena salvar, se ainda fór possível: — sei que valem pouco; mas quem tam pouco deve guardal-o para a posteridade, se não se quizer que esta fique sem nada.

Tentado pela curiosidade á vista da menção que de um d'estes padrões, situado em um pontal defronte da ilha da Cananéa, faz o Paulista Fr. Gaspar (p. 32), fui em pessoa ao local em Janeiro de 1841, e não encontrei ali um só, mas tres padrões, apenas com as quinas, e sem esphera, nem castellos, nem a data. Acompanhou-me a examinal-os um pouco ao sul da barra da Cananéa o Sr. major Oliveira, e um de seus filhos que vive ali perto, e a quem eu fóra recommendado por um dos amigos do meu pai, o Sr. Raphael Tobias de Aguiar.

Os padrões eram signaes; estavam juntos, um ao meio, com seus dous tenentes aos lados; d'estes um tinha cubido e estava lá muito no fundo, onde o levára o rolo do mar que o cobria, tendo ji sujo de ostras e sururus. Lá o deixámos em paz. Lembro-me que o meu exame foi tão minucioso que até descobri as pequenas cavas

que se tinham brocado, ou antes abortio a picareta no rochedo, affirm de poderem n'este segurar sem resvalar os pés da cabrilha que tiveram que armar para içar aquelles. De tudo o que vimos e examinámos se lavrou um auto a meu pedido, declarando que não havia em taes padrões esculpidas nem esferas, nem data, como por sua conta affirmou Casal (T. 1.º pag. 227 e 228), assignando-lhe a era de 1503; o que nunca pude acreditar ainda antes de lá ir desenganar-me, como V. S.ª deduzirá da nota que em 1839 escrevi no fim das pags. 90 e 91 do *Diario de Souza*; e aqui sinto ter que recordar como o meu illustre amigo, que traduziu em francez o mesmo *Diario*, se enganou n'esta como em alguns outros pontos. A inspecção d'estes padrões fazem desaparecer mais um argumento dos levantados n'este seculo para perseguir a memoria de Americo Vespucci, que tanto tem padecido por uma injustica para que, como está provado, elle nada concorreu, havendo sido pelo contrario grande amigo de Colombo, segunda este mesmo declara em carta a seu filho.

Esse auto que lavrámos não o tenho aqui: guardo-o em Paris com os outros documentos que deverão acompanhar a seguinte edição do mencionado *Diario*. E só por isso o não mando, estando persuadido, como estou, que convém cuidar do assumpto. Contudo facilitará a V. S.ª obter da Cananés outro auto, que daría mais força ao meu: se bem que o melhor seria que um de nossos consocios propozha ao Instituto, a esta peça ao Governo, como reliquia historica, os taes padrões, que são de finissimo marmore branco, verdadeiro *calcareao sacharoides*, o que dá a conhecer que foi tirado do pedreiras visinhas a terrenos volcanicos. A taes padrões se poderin ahí, ou no Paço Imperial, dar qualquer destino que não prejudicasse a face lavrada.

Em todo o caso é de importancia consignar-se nos annues do Instituto o facto de que não ha em taes padrões data alguma, e quanto a mim foram ahí deixados por Martim Affonso, cuja armada se demorou mez e meio n'esse porto.

Perdão V. S.ª tanta extensão; mas nem eu mesma esperava, ao

começar a carta, ter chegado até aqui. A proposito de monumentos; considero eu sel-o de outra especie a *Narrativa* da viagem ao Brazil por Fernão Cardim, que publiquei, e da qual o Instituto já terá recebido o exemplar que lhe destinei. Consagrei essa publicação, como declaro na primeira pagina d'ella:

Á memoria do conego Januario da Cunha Barboza pelos seus importantes desvelos para fomentar os trabalhos e publicações litterarias no Brazil.

Foi o primeiro tributo que pude render a um dos fundadores d'esse Instituto, o illustre antecessor de V. S.^a O Conego Januario não escreveu obras, que levem seu nome ás nações estranhas; tão pouco foi ministro que dirigisse os negocios do Estado; mas apesar d'isso fez grandes serviços, que á nossa gratidão pertence reconhecer. O conego Januario foi o Corrêa da Serra do Brazil.

Termino finalmente pedindo a V. S.^a tribute minha submissão a esse Instituto, e aceite as expressões reiteradas da minha estima e consideração.

Ill.^{ma} Sr. Manoel Ferreira Lagos, 1.^o Secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — *Francisco Adolpho de Varnhagen.*

P. S. Sinto ajuntar que não tenho aqui os meus dous glossarios, que devem achar-se com outros livros e papeis, que não trouxe á esta côrte para evitar grande excesso de peso de bagagem; mas será facil pelo Sr. barão de Antonina, ou pelo Sr. Carrão, obter outros mais completos d'aquellas partes.

